

JÚLIO HERMANN

AUTOR DO SUCESSO *TUDO QUE ACONTECE AQUI DENTRO*



# ATÉ ONDE O AMOR ALCANÇA

**SOBRE ESCUTAR MAIS  
& OUTRAS COISAS  
QUE NUNCA FALEI**

 FARO  
EDITORIAL

JÚLIO HERMANN

ATÉ ONDE  
O AMOR ALCANÇA

**COPYRIGHT © JÚLIO HERMANN, 2019**  
**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019**

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **LUIZA DEL MONACO**

Revisão **BARBARA PARENTE**

Ilustrações de capa **NADIA GRAPES, TIWAT K | SHUTTERSTOCK**

Imagens internas **EDUARD GUREVICH, MICHELE PACCIONE, STRIKE PATTERN, PIMCHAWEE, MAKAR, JULYMILKS, MINIWIDE, JESADAPHORN, DANUSSA, FILINDESIGN, AZAMAT FISUN, DIVINE STUDIOS, GOODSTUDIO, SILOTO, LEKLERIO, PICS4SALE, RUDALL30, BULIA, ET. AL. | SHUTTERSTOCK**

Capa e projeto gráfico **OSMANE GARCIA FILHO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Hermann Hermann, Julio  
Até onde o amor alcança / Julio Hermann. – São Paulo :  
Faro Editorial, 2019.  
176 p.

ISBN 978-85-9581-062-4

1. Literatura brasileira 2. Contos brasileiros 3. Poesia  
brasileira I. Título

19-0004

CDD B869

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira B869



---

1ª edição brasileira: 2019  
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310  
Alphaville — Barueri — SP — Brasil  
CEP: 06473-000  
[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

**REDESCOBRIR-SE**



Para ser sincero, a única coisa que eu queria é que as pessoas entendessem que o que acontece aqui dentro não é tão diferente do que se passa do lado de fora.

Eles me olham como se eu fosse de outro planeta. A inquietação que faz minhas pernas tremerem e o modo como baixo a cabeça não parecem dizer nada sobre aquilo que sou. Se eles já não entendem o que digo, imaginá aquilo que deixo de dizer. Mas tudo bem, deixa pra lá.

Não é a primeira, nem a segunda vez, que passo por um momento de reflexão exatamente igual a esse. E também sei que não será o último. O problema é que a ferida dói um pouco mais quando me dou conta de tudo isso. O mundo gira mais devagar. O chão abaixo dos meus pés parece romper-se em crateras, ainda que, na verdade, esteja intacto. O que meus olhos buscam de imediato é um local seguro para me esconder, dela e do mundo.

Baixa o rosto, cara, agora. Corra!

Estou seguro. Finalmente.

A agonia se repete toda vez que alguém vem em minha direção. Mas isso não é culpa da pessoa que vem ao meu encontro. Na maioria das vezes, eu nem ao menos faço ideia de qual é o nome dela. É puro instinto, penso comigo. Eu não sei se sou o único ou você também sente essa mesma pontada chata cutucando dentro da cabeça. Não é medo do mundo, longe disso. É só receio de ser absurdamente menor do que eu já me sinto hoje. Olho em volta e percebo que meu olhar não alcança muito do mundo que dizem existir por aí.

Eu já não tenho idade para deixar de dormir por conta de uma sensação estranha que, durante a madrugada, me diz que alguma entidade de outra dimensão sairá de debaixo da cama para puxar meus pés; mas algo tem me inquietado. Eu era mais maduro um tempo atrás, tenho certeza disso. Mas, depois de tanta gente que passou pela minha vida prometendo ficar e acabou indo embora, eu só consigo voltar os meus olhos para dentro de mim. Um passo de cada vez, por mais que o intervalo entre um passo e outro possa demorar alguns dias.

Eu duvido que eu seja o único, duvido mesmo. E o pior é que o mesmo instinto de proteção se manifesta no metrô, nas praças onde vou correr aos fins de tarde, na universidade que eu frequento somente para cumprir a carga horária do curso, e no trabalho, no qual evito falar mais do que o necessário com o ser humano que senta na mesa ao lado.

Me disseram que, em algum momento, conseguirei seguir em frente e começarei a acordar para as pessoas outra vez. Mas tem demorado, viu? Nenhuma dessas pessoas é ela e tudo o que passa pela minha cabeça são os sábados em que íamos dormir mais tarde para ficarmos conversando ao telefone durante a madrugada. A real é que ainda existe, em mim, a espera de uma presença.

Eu tenho me vestido mal nos últimos dias, o que explica o fato de me olharem estranho e não perceberem que eu não sou um alguém que destoa tanto de todo mundo por aí. “Você anda diferente”, minha mãe disse no último almoço de família, “evita inclusive parar em casa”. Evito parar em qualquer lugar, por mais que tenha estagnado minha própria vida.

Uma hora isso muda.

Uma hora eu volto para casa e encontro alguém para me acompanhar no caminho.

Uma hora.

*Me parece que o mais difícil  
no processo de esquecer alguém  
talvez seja lembrar-se de si.*





Coloca em caixas o que deve ser deixado para depois e deixe o que será de serventia agora ao alcance dos olhos. É assim que eu tenho organizado a minha própria vida. Nos dias em que a insegurança bate com uma força absurda no meu peito, eu me preocupo demais com o que os outros têm observado em mim. Parece que as partes negativas batem fisicamente no meu corpo, sabe? Hoje não. Desta vez, pelo menos desta vez, é hora de cuidar de cada um dos detalhes que têm preenchido minha cabeça.

Não existem caixas nem objetos palpáveis que possam ser colocados dentro, mas a memória funciona mais ou menos assim. Não funciona? O segredo está em tirar o foco de tudo aquilo que machuca e não nos empurra para a frente. Tem ajudado no meu caso. Ao agir assim, tenho visitado cada vez menos o passado para vasculhar o que consigo recuperar e arrastar comigo outra vez.

Há alguns anos, uma música dizia que não se coloca o coração e a vida de alguém na estante; mas, quando fazemos isso com a gente mesmo, como funciona para voltar atrás? Os tempos de escuridão funcionam exatamente deste modo quando olho para dentro do meu eu. Me coloco em uma cena de filme em que a mente sai do corpo para observar tudo de longe. Tento me convencer de que, assim, o coração aperta menos. Assim, eu não sinto as contrações.

Ainda me sinto perdido. Uns dias mais coração à flor da pele, outros nem aí para nada. Você não me pediu desculpas nem se preocupou com o que eu ia sentir quando me disse que eu havia arruinado a sua vida, mas tudo bem. Eu li e perdoei. Eu sempre perdoei.

Não faz sentido, para mim ou para você, que eu guarde qualquer sentimento ruim de tudo. Então, tchau e bênção.

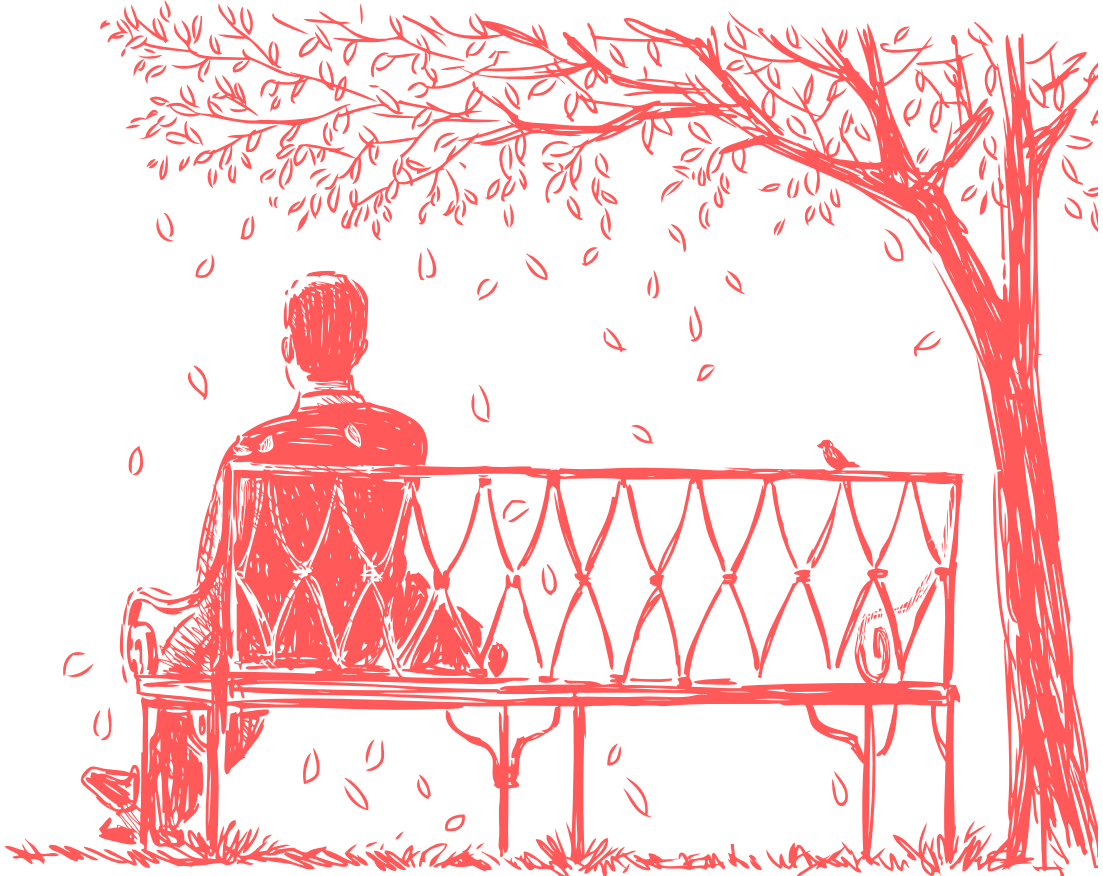
Tchau? Não sei a quem eu ando tentando enganar com uma despedida fajuta que não despeja sentimento nenhum das tripas que deram nó aqui dentro. “Tripas não sentem”, você diria. Sentem, sim. Quando o sentimento é muito maior que a carga emocional que já carregamos, o corpo inteiro sente. Seja para o bem ou para o mal.

Fita adesiva sobre o papelão e nada vai embora. Permanecerá por um tempo estocado no meu armário, atrás do amontoado de cobertores para o inverno. Um dia, quando a ruína for menos recente, eu revisito as memórias. Por enquanto, é melhor assim.

Eu percebo que os outros têm me achado estranho. Me olham torto, tentam mostrar piedade. Me acham recluso do mundo. Nada contra, não me entenda mal, mas o argumento deles tem a ver com o modo com que eu tenho me escondido do mundo depois de você.

Tudo bem.

Eu já sei exatamente o que precisa ficar estocado e o que vai me ajudar a caminhar a partir de agora.



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
GRÁFICA KUNST EM FEVEREIRO DE 2019